

INTRODUÇÃO

Astrid Dabbur¹

Diádiney Helena de Almeida²

A busca pelo reconhecimento social nas questões de saúde ainda é um campo de experiências e de diálogos entre a biomedicina e outras formas de curar. As práticas de cura populares, assim como o uso da flora na composição de medicamentos e remédios caseiros e práticas advindas da medicina oriental, informam uma diversidade de saberes e de respostas às dores e às doenças que estão presentes nas relações cotidianas e interferem na forma como os procedimentos médicos são compreendidos e incorporados pelos pacientes no mundo atual.

Os textos que compõem esse Dossiê demonstram diferentes expectativas a partir de crenças, chás e xaropes, diferentes relações com o uso de medicamentos, a experimentação das práticas integrativas e implicam em um universo de combate às dores e da busca pela cura. Para além do consultório médico, o diálogo com a ciência ocorre de forma muito diversa de modo a atender às necessidades dos pacientes que, através de suas experiências as transformam cotidianamente. Segue uma série de trabalhos de diferentes disciplinas, desde a história, passando

¹ Doutora em História pela Pontificia Universidad Católica Argentina Santa María de los Buenos Aires. Bolsista de pós-doutorado do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (2020-2022) no Instituto de Investigaciones de la Facultad de Ciencias Sociales. E-mail: astridahhur@gmail.com

² Doutora em História da Ciência e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz, e Doutora em Governança, Conhecimento e Inovação pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Filiação institucional: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. E-mail: dyhelena@gmail.com

pela antropologia e até abordagens sociológicas y filosóficas que estudam diferentes práticas e conhecimentos relacionados com a saúde.

O primeiro artigo, de autoria das organizadoras *Diádney Helena de Almeida e Astrid Dabbur*, tem como referência os estudos de folclore como fontes históricas sobre as práticas populares de cura, os quais não podem ser entendidos apenas como um movimento de intelectuais que se voltaram para o contexto dos usos e costumes populares, pois principalmente ajudam a compreender o prestígio que as práticas populares sempre detiveram na busca pela cura de males e doenças. É importante considerar os médicos envolvidos nesses estudos e os interesses da medicina em relação à experimentação de práticas populares de cura. Tal diálogo, que esse dossiê demonstra muito bem, permanece atual.

Os saberes médicos atualmente vêm incorporando diversas práticas, consideradas no Brasil como integrativas e complementares em saúde com o objetivo de consolidar sua hegemonia ainda confrontada pela permanência de conhecimentos e práticas de cura historicamente desqualificadas pelo saber médico. Desse modo, elementos pertencentes ao universo de saberes de curadores e de práticas orientais, ainda que tenham sido anteriormente excluídos do âmbito oficial das artes de curar, são apropriados por serem vistos como conhecimentos que poderiam legitimar a medicina e destacá-la pela sua especificidade. A particularidade deste artigo é oferecer um olhar comparativo sobre o Brasil e a Argentina com uma abordagem que parte do folclore e da medicina não institucionalizada.

Seguimos com o artigo de *Mauro Vallejo* que apresenta a Buenos Aires de fins do século XIX a partir dos anúncios de remédios importados, que circularam em jornais e revistas, voltados para amenizar ou curar as “enfermedades nerviosas”. Entre os remédios estavam azeites de fígado de bacalhau, “solución anti-nerviosa de Laroyenne”, xarope Henry Mure, pílulas de Beecham, “píldoras antineurálgicas del Dr. Cronier”. Remédios que estiveram na formação dos hábitos de consumo da população de uma cidade que crescia e se modernizava na virada do século. Nesse universo, os médicos recém-formados também anunciavam e vendiam remédios para as neuroses, as histerias e as convulsões. Um comércio realizado em armazéns, consultórios e espaços não autorizados. Segundo Vallejo, a

ausência de respostas voltadas para os padecimentos neuróticos deixada pela ciência médica proporcionou espaço para o surgimento de uma diversidade de remédios e de tratamentos alternativos que se proliferavam nos anúncios da época. Tais propagandas ensejam uma multiplicidade de imaginários e concepções do corpo, de doença e de modos de curar ao mesmo tempo em que não podem ser compreendidos fora do contexto de um crescente mercado de produtos de consumo.

O artigo de *Maurício Rebolledo*, por sua vez, traz em consideração a análise de uma temática que tem se discutido na América Latina e no mundo: o uso medicinal da cannabis. O autor realiza uma análise da temática sobre o caso chileno e põe em jogo uma série de conceitos que ajudam a compreender a complexidade da temática. Do mesmo modo, avalia o campo, as associações de pacientes e o rol da biomedicina na construção de saberes médicos e de conceitos bioéticos. Ao longo do trabalho, o autor desenvolve a trama e os distintos atores envolvidos na discussão sobre a legalização da *marijuana* para uso medicina no Chile. É assim que põe de manifesto uma forte crítica por uma parte da sociedade chilena aos desígnios da biomedicina referendados pelo Estado. A partir de uma análise multidisciplinar, o que se põe em dúvida é o poder da medicina no presente como único órgão diretor do considerado apropriado como tratamento. Ao longo do trabalho se podem apreciar atores como as organizações de pacientes, apoiadas por alguns médicos, que disputam nas associações médicas o monopólio do saber e da autoridade, buscando uma mudança de paradigma e redefinição do campo médico.

E comprovando a permanência numa longa duração das práticas de cura não científicas, foi criada, no Brasil, em 2006 a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) pelo Ministério da Saúde atendendo as orientações da Organização Mundial de Saúde. O estudo etnográfico de *Miriam Vidal de Negreiros* explora as experiências e percepções de profissionais de saúde e de pacientes de uma Unidade Básica de Saúde em São Paulo quanto ao diálogo entre a saúde mental, o tratamento medicamentoso e a prática da *yoga* e da meditação. O texto auxilia a compreensão do tratamento como um processo de cura pelas perspectivas das pacientes e, ao mesmo tempo, perceber um campo ainda

em disputa entre os profissionais de saúde sobre o tratamento alopático e o tratamento da *yoga* e da meditação como complemento e, muitas vezes, como substituto do medicamento.

As autoras *Andreia Pagani Maranhão* e *Betânea Moreira Moraes* desenvolvem uma análise sobre os adoecimentos psíquicos no que se refere à experiência do “estranhamento de si”, um processo que envolve sentimentos de desconhecimento que podem identificar os verdadeiros motivos do padecimento, na relação entre os sujeitos e o trabalho. Desse modo, pretendem compreender de que modo as inovações e opressões do mundo do trabalho interferem no desenvolvimento do ser humano considerando processos terapêuticos no âmbito integrativo que valorizam o sujeito e não a doença. O estranhamento é assim percebido, por uma leitura marxista, em que a saúde do trabalhador é consumida junto com sua força de trabalho. A análise também está centrada na perspectiva foucaultiana que compreende o corpo submetido ao poder do capital e, portanto, vulnerabilizado. A prática de cuidados integrativos, nesse sentido, está inserida num amplo processo de debates feitos ao longo do século XX e XXI e que colocam a necessidade, diante da negação e/ou do estranhamento das condições de vida impostas pelo trabalho, de ressignificar a existência ampliando os aportes terapêuticos.

O artigo de *Caio Leal Messias* parte de uma análise comparativa, baseada na crítica genética, entre o livro *L'enfant bleu* do psicanalista belga Henry Bauchau, e da atuação da psiquiatra brasileira Nise da Silveira. Partindo de uma leitura foucaultiana, o autor demonstra as proximidades no uso da arte e da psicanálise nos cuidados da saúde mental entre ambas as propostas. Nesse sentido, tanto a experiência de tratamento do artista Lionel por Bauchau, experiência que inspira o livro, quanto o trabalho desenvolvido por Nise da Silveira na Casa das Palmeiras, questionam a racionalidade cartesiana e apontam o *cuidado de si* como um processo fundamental no tratamento da psicose. Apesar das diferenças temporais, ambos estão alinhados com os ideais do movimento internacional da antipsiquiatria e, portanto, fazem frente aos psicofármacos e à internação manicomial. O autor também aborda as diferenças no que se refere aos pressupostos teóricos desses cuidados que incluem a arte, mas que

igualmente questionam os métodos tradicionais de tratamentos dos psicóticos e o modelo asilar. O uso da literatura e das artes como fonte para analisar as mudanças na psiquiatria é um dos pontos mais destacados da análise do autor.

Um minucioso mapeamento do estado da arte nas pesquisas desenvolvidas no Brasil, entre a década de 1990 e o ano de 2018, sobre o tema do HIV/AIDS no campo das Ciências Sociais, foi realizado por *Kris Herick de Oliveira*. Utilizando o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES como fonte principal, o autor apresenta uma análise quantitativa e qualitativa muito bem fundamentada teórica e metodologicamente, construindo uma narrativa sobre a produção científica em torno do HIV/AIDS que supera as revisões feitas anteriormente ao surgimento e aperfeiçoamento das plataformas digitais de bases de dados. Esse estudo se mostra muito relevante por identificar os temas mais frequentes assim como suas lacunas, os locais de produção das pesquisas, as fontes utilizadas, as metodologias empregadas, assim como outros recortes muito bem definidos e expostos no artigo e que resultam num determinado perfil das pesquisas na área de Ciências Sociais voltadas para o entendimento do HIV/AIDS. Ademais, essa análise permite identificar as mudanças nas estruturas de programas de pós-graduação em sociologia, o destaque às instituições públicas de ensino superior, a concentração de investigações em determinadas regiões do país em detrimento de outras, o espaço ocupado pelas mulheres à frente dessas pesquisas e a ausência de trabalhos voltados para as populações negras e para os povos indígenas. Do mesmo modo, o artigo também identifica a necessidade de investigações que abordem a pluralidade de expressões de gênero e de sexualidade.

O próximo artigo apresenta a reflexão em torno do processo de constituição das doenças raras no Brasil, em que os autores *Bruna Aline Stoél de Souza e Fagner Carniel*, traçam uma análise sociológica junto à trajetória de Lindacir Souza Franco e da experiência pessoal que a tornou ativista da adrenoleucodistrofia no Brasil. Em meio a um amplo movimento internacional pela consolidação de políticas públicas de atenção às pessoas portadoras de doenças raras, contextualizado no texto, emergem associações dirigidas por leigos que se destacam fazendo

frente a um determinado modelo de gestão pública. Nesse sentido, o texto introduz a história de uma mãe que, ao encarar a doença rara de seu filho e ao lidar com sua morte, ressignifica essa experiência a partir da busca por conhecimento e pela mobilização pelo direito à saúde, ao mesmo tempo em que cria e expande redes de apoios, além de reivindicar e publicizar recursos públicos de atendimento à doenças raras.

Os dois últimos artigos deste Dossiê versam sobre a atual crise sanitária deflagrada pela pandemia da COVID-19. O texto de *Daniela Testa* apresenta uma abordagem muito sensível sobre os efeitos socioeconômicos da atual pandemia e da quarentena entre os setores mais vulneráveis no contexto da sociedade argentina. E ao mesmo tempo em que evidencia as injustiças e desigualdades de um sistema de saúde pública já caracterizado por fragilidades, a autora destaca a situação de pobreza agravada ainda mais com o desemprego e as respostas governamentais ineficazes baseadas em lógicas mercantis. O texto também põe em debate a invisibilização do papel desempenhado pelas mulheres, sobrecarregadas pelo serviço doméstico e ocupando postos de trabalhos desvalorizados e mal remunerados, e que mesmo expostas a um alto risco de contágio, lideram organizações sociais nos bairros populares oferecendo cuidados. Vítimas do crescente feminicídio, a autora chama a atenção para a *pandemia oculta dentro de outra pandemia*.

No artigo seguinte, de *Roberto Luiz do Carmo et al.*, há uma reflexão sobre a pandemia de COVID-19 a partir das questões levantadas sobre o vírus *influenza* no livro *O monstro bate à nossa porta: a ameaça global da gripe aviária* de Mike Davis. O texto aborda de forma interessante o processo de surgimento da COVID-19, fazendo articulações entre a dimensão ambiental da COVID-19 enquanto uma doença zoonótica, a concentração de pessoas e a disseminação de doenças, e com os aspectos sócio-políticos implicados nos enfrentamentos de pandemias. O texto apresenta também informações epidemiológicas sobre o avanço da pandemia no Brasil com o acompanhamento do crescimento de casos, a constatação da ausência de políticas públicas, o posicionamento do presidente da República na defesa de medicamentos à base de cloroquina e as questões envolvendo o monitoramento dos casos e a adesão à quarentena. As questões consideram

as experiências epidêmicas históricas anteriores para tirar conclusões a respeito dos principais fatores responsáveis pela atual pandemia, assim como lançar luz a respeito de soluções que evitem futuras pandemias.

Finalmente, este Dossiê representou um grande esforço por parte dos autores, avaliadores, editores da revista e das organizadoras para ser finalizado nesses tempos de pandemia e, por isso, agradecemos profundamente pelo trabalho e dedicação. Como já assinalamos, a riqueza desta compilação de artigos é pôr em relevância trabalhos de autores que estão iniciando seus primeiros passos na investigação nos temas relacionados à saúde e à enfermidade. Sem mais, os deixamos para que disfrutem de um Dossiê multidisciplinar sobre práticas médicas e de saúde na América Latina.

Boa leitura!